

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
ALAN ARKIN, O COMEDIANTE ASSUSTADO  
4 de setembro de 2023

# EDWARD SCISSORHANDS / 1990

*(Eduardo Mãos de Tesoura)*

Um filme de Tim Burton

**Realização:** Tim Burton / **Argumento:** Caroline Thompson, baseado numa história sua e de Tim Burton / **Direcção de Fotografia:** Stefan Czapsky / **Design de Produção:** Bo Welch / **Direcção Artística:** Tom Duffield / **Cenários:** Rick Heinrichs, Paul Sonski e Ann Harris / **Guarda-Roupa:** Colleen Atwood / **Música:** Danny Elfman / **Som:** Richard L. Anderson e David Stone / **Montagem:** Richard e Colleen Halsey / **Supervisão de Efeitos Especiais:** Michael Wood / **Interpretação:** Johnny Depp (Edward Scissorhands), Winona Ryder (Kim Boggs), Dianne Wiest (Peg Boggs), Anthony Michael Hall (Jim), Kathy Baker (Joyce Monroe), Alan Arkin (Bill Boggs), Robert Olivieri (Kevin Boggs), Vincent Price (o inventor), Conchata Ferrell (Helen), Caroline Aaron (Marge), O-Lan Jones (Esmeralda), Susan J. Blommaert (Tinka), Linda Perry (Cissy), John Davidson (apresentador de TV), Biff Yeager (George), etc.

**Produção:** 20th Century-Fox / **Produtores:** Denise DiNovi e Tim Burton / **Produtor Executivo:** Richard Hashimoto / **Produtora Associada:** Caroline Thompson / **Cópia:** da CINEMATECA PORTUGUESA, em 35mm, colorida, versão original falada em inglês com legendas em português, 100 minutos / **Estreia em Portugal:** Londres, Xenon, Fonte Nova, Las Vegas e Sheza (Lisboa), Estúdio (Caldas da Rainha), Verde Viana (Viana do Castelo), Palmeiras (Oeiras) e Miramar (Cascais), a 10 de Maio de 1991.

**Aviso:** Esta cópia apresenta algumas marcas da sua carreira no circuito comercial, mormente um acentuado ruído de fundo.

---

Foi com **Edward Scissorhands** que o nome de Tim Burton se assumiu, decisivamente, como uma das mais importantes referências do cinema americano contemporâneo. Antes, o nome de Burton já tinha sido notado (sobretudo) por **Beetlejuice** e pelo primeiro **Batman** – mas se se lhe reconhecia um “universo” recheado de características particularíssimas poucos eram os que arriscavam afirmar estarmos na presença de um grande cineasta, mais do que simplesmente um realizador “curioso”. Entre esses estavam, por exemplo, os “Cahiers du Cinéma”, que quando **Batman** se estreou lhe deram a capa e se viram inundados, nos números seguintes, por um feroz “correio dos leitores” acusando a revista de se ter “vendido”. Talvez os “Cahiers” tenham dado a capa a Burton cedo de mais, porque se o tivessem feito apenas com **Edward Scissorhands** (a vários títulos o “filme do consenso” sobre Tim Burton) a questão teria certamente sido mais pacífica – até porque parece evidente que nunca até então o universo de Burton havia encontrado uma manifestação tão perfeita, tão harmónica e tão distinta. E daí para cá, como bem sabemos, cineasta foi pacientemente construindo uma obra absolutamente fulcral no cinema americano dos últimos 20 anos. Pelo menos no cinema americano visto a partir da Europa, já que, e isso é um dado curioso até por causa dos antecedentes (a história repete-se), a aceitação crítica de Burton no seu país natal levou um pouco mais tempo a ultrapassar a relativa condescendência com que (nos melhores casos) era olhada.

Falou-se no “universo” de Tim Burton. Também sabemos hoje do modo como esse universo se foi “expandindo”, e albergando elementos que talvez não existissem (nitidamente, pelo menos) na sua base – dos toques dickensianos de **Charlie and the Chocolate Factory** à Londres de **Sweeney Todd** e à **Alice** de Lewis Carroll, tem-se notado em anos recentes uma crescente “anglofilia” no cinema de Burton, a que não será alheio o facto de o cineasta viver no Reino Unido desde que se casou com a inglesa Helena Bonham-Carter. Mas continua a ser, como já era em 1990, uma espantosa fusão de imaginários, que deve tanto (no caso de **Edward Scissorhands**) a Edgar Allan Poe como a Walt Disney, aos filmes de terror da Universal como aos da Hammer. Vimos há alguns anos nesta sala uma das primeiras curtas-metragens de Tim Burton, **Frankenweenie** (de 1984), onde as coisas ficavam já bastante explícitas: remake de **Frankenstein** com um cão a fazer de protagonista, nesse filme Burton conjugava a temática de James Whale com uma iconografia “disneyana” (e a carreira de Burton começou no departamento de animação da Disney) equação que está na base de muito do seu cinema futuro. **Edward Scissorhands** enquadra-se perfeitamente nessa linha, retomando até o ponto de partida narrativo de **Frankenstein**: de novo encontramos o tema da criatura deixada incompleta pelo seu criador (interpretado por Vincent Price, numa opção de casting tão referencial como reverencial) como pretexto para a encenação de uma tragédia da solidão e de um ensaio sobre os limites, ou sobre as fronteiras, da humanidade – onde ainda nos aproximaríamos, sem exagero, de Tod Browning. “Eduardo Mãos de Tesoura” é um “freak”, claro, mas o que interessa a Burton sublinhar é, menos do que a sua diferença, tudo o que o aproxima da humanidade: como qualquer ser humano, Eduardo não pediu para nascer, e como alguns seres humanos, tem dificuldades para se relacionar com o mundo, idealmente expressas na genial metáfora das “mãos de tesoura”. Tudo se resume a uma questão de natureza, ou melhor, de confronto de naturezas, tema fundamental no cinema de Tim Burton (é ver os **Batmen**, **Nightmare Before Christmas** e **The Corpse Bride**, **Ed Wood**) que encontra aqui, na retirada final de Eduardo para a reclusão do castelo, uma das suas mais pungentes expressões.

**Edward Scissorhands** transforma-se assim num belíssimo “conto trágico”, simplesmente porque sabe que já não pode ser um “conto de fadas”. Se há no filme o tema, omnipresente em Tim Burton, do confronto entre o indivíduo e o mundo (Burton poderia dizer que “Eduardo Mãos de Tesoura sou eu” e mostrar fotografias suas como prova...), ou mais precisamente da consciência, por parte do indivíduo, das irreconciliáveis diferenças que o separam do mundo, há ainda outros que, neste caso, não se devem negligenciar. Nos “Cahiers”, Thierry Jousse escreveu que **Edward Scissorhands** era um filme sobre “a irrupção do gótico na América doméstica e contemporânea”, e tem absoluta razão. O mapa de **Edward Scissorhands** tem, por uma vez, uma cartografia que embora indefinida (pode ser qualquer lugar) não podia ser mais precisa (só pode ser a América suburbana, profunda e pequeno-burguesa). Pode-se reparar no cuidado cenográfico de Tim Burton, um trabalho meticuloso sempre no sentido de normalizar (ou “standardizar”, ou seja, eliminar as diferenças) lugares e personagens – as casas, os carros, as mobílias, as indumentárias – através de uma estilização reminescente de algum Tati e que tem na cor (Burton é dos poucos cineastas americanos contemporâneos capazes de filmar verdadeiramente “a cores”) um dos procedimentos fulcrais. E pode-se pensar que Tim Burton está tão interessado na tragédia da sua personagem principal como na inquietação que ela vem causar na platitude deste mundo – uma inquietação que tem, surpreendentemente, alguma coisa de “lynchiano” (lembremo-nos de **Blue Velvet**), até pelas suas implicações sexuais (veja-se como as mulheres da vizinhança “fetichizam” as mãos de Eduardo). Para lá da tragédia, para lá do desarmante lirismo (as estátuas de gelo, a dança de Winona Ryder) que o banha de uma ponta a outra, **Edward Scissorhands** é também um ajuste de contas pessoal de Tim Burton com a América mesquinha e preconceituosa. Anos mais tarde, viria a irrisão absoluta nesse **Mars Attacks!** que, “et pour cause”, tão mal amado foi pelos americanos.

Luís Miguel Oliveira

